

# GILDO DA SILVA ROCHA

## O gari que sonhava e falava bonito

Marcelo Abreu  
Da equipe do **Correio**

**E**m Propriá, sertão de Sergipe, a miséria era grande. A vida sempre inquietou o menino pobre. Ele não entendia por que tantos tinham muito e outros não tinham nada. Na casa do pai, com 11 filhos, as dificuldades eram enormes. A miséria fez com que amadurecesse até mais rapidamente. Caçula, queria sair daquele lugar. Ainda adolescente, teve a grande chance.

Um irmão mais velho, que já morava em Ceilândia, o trouxe para cá. Aqui, o menino pobre acreditou que a vida pudesse ser bem diferente da distante Propriá. Hoje pela manhã, o rapaz que lutava por igualdade e justiça social será enterrado no Cemitério Campo da Esperança. O sindicalista Gildo da Silva Rocha, de 33 anos, foi assassinado por policiais civis, em Ceilândia,

quando organizava piquetes para uma greve.

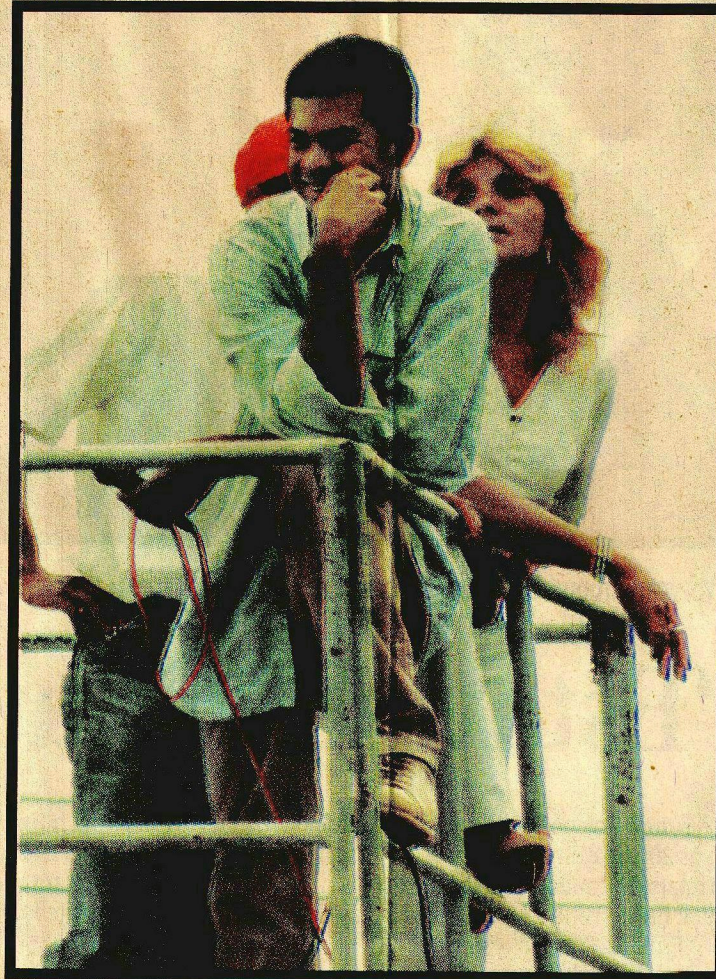
O irmão mais velho, Eduardo Teixeira Lima, hoje com 74 anos, assumiu as funções de pai do menino. "Eu via que o Gildo era diferente. Tinha umas idéias avançadas, falava de política. Era um sonhador. Desde pequeno discursava bonito..."

Pensando que ia mudar o mundo, o menino chegou a Brasília. O irmão mais velho o matriculou numa escola pública. Gildo queria ser doutor. Era um juramento. Disse isso aos parentes antes de pegar o ônibus e levar quatro dias para chegar a Brasília.

Gildo estudou. Conseguiu terminar o segundo grau. E fez, ao mesmo tempo, concurso para o Serviço de Ajardinamento e Limpeza Urbana (Salub) e à Polícia Militar do Distrito Federal. Foi aprovado nos dois. Preferiu o Salub.

Há mais de uma década, Gil-

Album de família



NOS COMÍCIOS SINDICAIS, GILDO PRENDIA A ATENÇÃO COM SUA ORATÓRIA

do era servidor público. Logo se filiou ao Sindicato dos Servidores Públicos do Governo do Distrito Federal (Sindser). Chegou à direção. Era o diretor de assuntos sociais. Em greves, o gari que tinha o 2º grau completo e era fi-

liado ao PSTU — partido de extrema esquerda — liderava. Arrebanhava os colegas. Lutava pelos direitos dos garis. Fazia discursos inflamados em cima de palanques.

"Ele tinha poder de argumen-

tação muito grande. Uma inteligência refinada. Ninguém acreditava que era apenas um gari lá em cima. Quando subia num carro de som, todos paravam para ouvir o que ele ia falar", comenta o secretário de Finanças do Sindser, José Alberto Barros, de 49 anos.

O rapaz que tinha uma inteligência refinada e catava lixo na rua conheceu a mulher no mesmo lugar de trabalho. Há cinco anos, casou-se com Gleicimar de Souza Rocha, 30. O casal teve dois filhos: Glênia, 3, e Glauber, um ano. O sonho de tornar-se doutor foi ficando para trás. Não havia tempo — nem dinheiro — para cursar faculdade.

Para sustentar a família, arrumou um emprego numa loja de móveis. Durante o dia, trabalhava nessa loja. À noite, ia recolher lixo na Asa Norte. "Ele nunca chegava em casa antes de uma hora da madrugada", conta Gleicimar, em choro profundo.

Mesmo sem poder frequentar um curso superior, Gildo incentivou a mulher a voltar aos estudos. Gleicimar cursa Contabilidade numa faculdade particular. "Ele queria muito que eu me formasse. Dizia que sem estudo a gente não ia conseguir vencer na vida..."

Na madrugada em que morreu, Gildo saiu do sindicato, na Asa Sul, e passou em casa, no Setor P Sul de Ceilândia, para trocar a camisa branca de manga comprida que usava. Vestiu uma camiseta do partido. De-

pois, foi até o quarto onde os filhos dormiam. Beijou-os. E saiu com dois amigos para começar os trabalhos de greve.

"Não se mata ninguém assim. Meu irmão era um homem honesto. Tão honesto que por duas vezes fez parte do júri do Fórum de Ceilândia. Quem é chamado pela Justiça só pode ser pessoa do bem...", diz Eduardo Teixeira.

O gari que possuía o poder da oratória e lutava "pelos companheiros" tinha sonhos bem palpáveis. No momento, um era emergencial: terminar a casa que comprou financiada há dois anos. A prestação de R\$ 350 pesava no orçamento do gari que ganhava pouco mais de R\$ 500. "A gente comprou e derrubou ela toda. Ele queria dar conforto pros filhos. Nem conseguiu terminar", soluça Gleicimar, com a filha Glênia no colo. E se descontrola: "Tanto sonho, tanto trabalho, tanta luta pra nada, meu Deus. Que vida é essa?..."

Terminar a casa, de cerâmica vermelha queimada e ainda no reboco, seria a maior conquista de Gildo. "Ele só falava nisso", afirma a sogra, Maria Neusa de Souza, de 47 anos. E revela um compromisso de família de que Gildo não participará mais: "No feriado da próxima quinta-feira, ela ia lá pra casa, em Valparaíso, com meus netos e minha filha. A gente ia fazer um churrasco".

Nem churrasco nem término da casa. Gildo morreu assassinado. Silenciaram o gari que falava bonito.